

**«HISTORIA DA CADEIRA DE ANATOMIA E FISILOGIA ARTÍSTICAS»**

**PROF. OCTAVIO TORRES**

Catedrático de «Anatomia e Fisiologia Artísticas»

Julgamos seja cada professor dos diversos cursos de Belas Artes da Universidade da Bahia o indicado para escrever a história da cadeira da qual é titular e, assim, a reunião de todo o acervo venha a constituir a história completa da Instituição.

Quando, no fim de 1947, fomos escolhidos, entre os professores da Congregação da Escola de Belas Artes da Universidades da Bahia, para elaborar a sua Memória Histórica, desde a fundação, a 17 de dezembro de 1877, por ilustres homens de letras, jornalistas, artistas, figurando entre êles Miguel Navarro y Cañizares, João Francisco Lopes Rodrigues (pai e filho), Manoel Sylvestre Lopes Rodrigues (artistas), Dr. Virgilio Climaco Damasio (professor da Faculdade de Medicina), Eng. José Allioni (engenheiro e arquiteto), Austriano Ferreira Coelho (professor primário) Amaro Lellis Piedade, farmaceutico, jornalista e redator do "Jornal de Notícias da Bahia", com a orientação prestigiosa do então presidente da Provincia Cons. Henrique Pereira de Lucena, repetimos, desde a sua fundação até agora, consideramos muito grande o encargo para um só professor. Escrevemos, então, uma sucinta circular a todos os professores, pedindo a fineza de cada um escrever os acontecimentos mais importantes na vida de sua cadeira e também a fineza de nos enviar os dados biográficos pessoais e o resumo da biografia de cada um dos professores que ensinaram as diversas cadeiras.

Infelizmente até hoje somente o professor Raymundo Aguiar se dignou de nos responder enviando-nos os seus dados biográficos.

Até um certo ponto alguns professores alegavam falta de dados, de documentos e de tradição da Escola de Belas

Artes da Bahia, dos seus professores, e também das disciplinas que lecionam ou lecionaram. A Escola de Belas Artes perdeu muitos dos documentos do seu arquivo, por causas diversas e, principalmente, pela falta de um técnico encarregado da sua organização.

A Escola não dispunha de recursos para pagar um funcionário para este fim: ela vivia pobremente pela benemerência de seus professores e muitas vezes, tinha somente o suficiente para os pobres e dedicados serventes, porteiro, etc.

Além da falta de um arquivo organizado, muitas cadeiras só começaram a fazer parte dos cursos da Escola de Belas Artes, depois que esta Escola foi incorporada à Universidade da Bahia, por ocasião de sua fundação a 2 de julho de 1946.

A desorganização do arquivo era devida às muitas peripécias que decorreram da vida da Escola. Seus documentos, inclusive os trabalhos dos alunos eram guardados em caixões de madeira, por falta de armários apropriados e o arquivo sofreu a ação destruidora do cupim.

Apesar disto, alguma coisa se salvou do referido arquivo e está sendo reorganizado pelo ilustrado Secretário sr. Geraído de Jesus, aproveitando as sobras do antigo arquivo e a documentação da federalização da Escola. Além disso, porém tudo que se passou na vida da Escola consta dos vários livros de atas de Congregação, nas quais eram registrados todos os acontecimentos desde a fundação da Escola até hoje.

\* \* \*

A Cadeira de Anatomia figurou como uma das principais dos Cursos de Pintura e Escultura da novel Academia e desde a fundação ela foi lecionada por professores dedicados ao ensino da disciplina.

O primeiro professor foi *João Francisco Lopes Rodrigues filho*, diplomado em Medicina; foi um dos fundadores da Escola de Belas Artes da Bahia. Nasceu na Bahia, era filho do pintor João Francisco Lopes Rodrigues e D. Isabel Teixeira Lopes Rorigues, a 27 de fevereiro de 1857, faleceu, no Rio de Janeiro, a 22 de setembro de 1938. Estudou prepara-

tórios em collegios particulares fazendo exames de admissão à Faculdade de Medicina da Bahia, em dezembro de 1873, tendo sido aprovado plenamente em todas as cadeiras (português, latim, francês, geometria, geografia e história). Matriculou-se no Curso de Medicina, em 1873, obtendo aprovação plenamente, em todos os anos, inclusive na defesa de *tese* a 29-XI-1878. clinicou na sua terra natal, fez uma viagem à Europa (informação da Família); voltando à Bahia. Em seguida, viajou para o Rio e entrou para o Corpo de Saúde da Marinha de Guerra, chegando pelo seu merecimento e trabalho até o posto de Contra-Almirante médico, sendo reformado como Almirante graduado.

Como chefe do Corpo de Saúde Naval, fez uma reforma completa nos Serviços de Saúde da Marinha de Guerra, introduzindo novos métodos higiênicos e educacionais, atualizando tudo que foi possível, nesse setor da administração da Marinha de Guerra do Brasil.

Depois da morte de seu Pai (João Francisco Lopes Rodrigues (pai), em outubro de 1893, diretor da Escola de Belas Artes, o seu filho voltou à Bahia, pretendeu ensinar novamente na Escola de Belas Artes, como professor de Anatomia Artística, tendo a Congregação da Escola indeferido o seu pedido, pois, já estava ocupada a cadeira pelo prof. Braz do Amaral.

Era membro da Academia Nacional de Medicina (Rio de Janeiro). Exercia clinica principalmente nos suburbios do Rio de Janeiro, prestando seus serviços clinicos às famílias dos marinheiros. Antes de falecer, pediu que seu esquife fosse trasladado até a necropole pelos marinheiros nacionais.

Entre o exercício do prof. João Francisco Lopes Rodrigues Filho e o do prof. Braz Hermenegildo do Amaral, vale mencionar as interinidades de *Alfredo Magno Sepulveda* e *Alfredo Ferreira de Barros*, diplomados pela Faculdade de Medicina. O Dr. Alfredo Magno Sepulveda, seu colega de turma, substituiu o Dr. João Francisco Lopes Rodrigues, quando este foi à Europa. Posteriormente, quando o dr. Sepulveda viajou para Mi-

nas, foi substituído pelo Dr. Alfredo Ferreira de Barros, medico e farmacêutico, formado pela Faculdade de Medicina da Bahia.

O Dr. Alfredo Magno Sepulveda, no fim de algum tempo, viajou para Minas Gerais, fazendo clinica no interior do Estado, na localidade chamada Passos tendo deixado, após a sua morte, viuva e numerosa familia.

O dr. *Alfredo Ferreira de Barros* clinicou na Bahia, tendo uma grande clinica domiciliar; também atendia os seus clientes pobres na Farmacia S. Roque, na Barroquinha. Era um médico muito solícito, bom clinico, com grande experiência da vida profissional e muito caritativo.

*Braz Hermenegildo do Amaral* — Baiano de nascimento. Fez os exames de preparatórios na Faculdade de Medicina, tendo conseguido ser aprovado simplesmente em Algebra, geometria, português, francês, latim, inglês, filosofia, plenamente em aritmética e distinção em Geografia e História, matriculando-se, na mesma Faculdade, em 1881.

Conseguiu aprovação plenamente em todos os anos do curso médico, do 1º ao 6º ano, e distinção na defesa de teses "Influência dos Estados Mórbidos Constitucionais", defendida publicamente. Formado em medicina, foi professor de História Universal do Ginásio da Bahia, de Patologia Cirúrgica, por concurso 1886 e depois professor de Clinica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Bahia.

Na Escola de Belas Artes, ensinou as cadeiras de Mitologia, História Universal e Anatomia Artística. Foi Diretor da Escola depois da morte do artista João Francisco Lopes Rodrigues (pai), nos governos dos Drs. Rodrigues Lima (médico) e Luiz Viana (bacharel). Reformou toda a Escola, dando-lhe instalações materiais completas; fundou o Curso de Escultura, contratando o prof. Joseph Gabriel Sentis, renovou, ampliando, muito, a galeria de modelos de gesso para estudo, uma das melhores, que já chegaram ao Brasil.

Nos governos dos Drs. José Joaquim Seabra e Antonio Moniz foi o prof. Braz do Amaral escolhido para visitar os arquivos de Portugal a fim de recolher documentos para resolver questões de limites entre os estados da Bahia e Minas Gerais e Espirito Santo. O Prof. Gonçalo Moniz, quando secretário do

Interior do Estado da Bahia, encarregou-o de anotar as célebres obras de Vilhena e Accioly — as quais começaram a ser publicadas pela Imprensa Oficial do Estado, no primeiro centenário da Independência Política da Bahia, uma das mais notáveis realizações daqueles dois governos. O Prof. Braz do Amaral, como era mais conhecido, desencumbiu-se brilhantemente e com grande patriotismo dessas comissões.

Com o conselheiro do Tribunal Administrativo e de Conflitos da Bahia Dr. Tranquilino Leovigildo Torres, o Cons. Luiz Pedro de Rezende, do mesmo Tribunal, o Conego Ludgero dos Humildes Pacheco, (professor de Geografia do Ginásio da Bahia), Antonio Calmon du Pin e Almeida, funcionário da Secretaria da Câmara Estadual, Farmacêutico Luiz Filgueiras, chefe político na capital baiana, Olavo Martins, caixeiro viajante, no principio da vida e depois negociante de livros em colaboração com o prof. Braz do Amaral, prof. da Faculdade de Medicina e também professor de História Universal do Ginásio da Bahia, fundaram o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, uma das mais velhas e das mais valiosas instituições culturais de nossa Terra (a casa das tradições e da história da Bahia).

*Braz do Amaral* foi orador oficial do Instituto durante muitos anos. Membro da Academia de Letras da Bahia, da qual foi fundador e seu presidente durante longo tempo. Foi um grande investigador da história da Bahia, tendo publicado valiosos trabalhos sobre a história de sua terra. Estudou os limites da Bahia com os Estados vizinhos e foi um dos nossos delegados na Comissão do Limites (assim chamada) entre o Estado da Bahia e os de Minas Gerais e Espírito Santo.

Quando o prof. *Braz do Amaral* se afastou como dissemos acima, para as diversas comissões do Governo do Estado e depois, em 1926, por ter sido eleito deputado federal pela Bahia, foi substituído, durante pouco tempo, pelo ilustrado colega Dr. Manoel Jeronimo Ferreira. Natural do Estado da Bahia, formado em medicina na sua terra, médico clínico, muito trabalhador, atencioso e dedicado aos seus clientes e amigos. Ensinou Anatomia Artística na Escola de Belas Artes da Bahia.

Tendo sido eleito deputado federal, o dr. Braz do Amaral, fomos convidados para lecionar Anatomia Artistica e também as cadeiras de Física e Química e História Natural, professadas pelo prof. Eduardo Dotto, que se achava doente e afastado da Diretoria, cargo no qual serviu por mais vinte e tantos anos, desde que o Prof. *Braz do Amaral* se exonerou da Diretoria em 1900.

Transcrevemos para este artigo, o trecho sobre *Octavio Torres*, da Memória "Os Sodrés" da autoria de Mario Torres, publicada na Revista do Instituto Genealógico da Bahia, Ano de 1954, na tipografia Manú — Bahia, 1954, pág. 125.

Filho do Cons. *Tranquilino Leovigildo Torres* e de *D. Maria da Purificação da França Torres*, Octavio Torres, nasceu no dia 25 de setembro de 1885, em uma sexta feira, às quatro horas e meia da tarde, à rua Direita da Vila Isabel do Paraguassú, hoje, cidade de Mucugê, em casa de propriedade do Dr. Amancio Viana. (Notas do canhenho do Cons. *Tranquilino Leovigildo Torres*).

O curso primario foi ministrado pelo próprio pai, pelos colégios 8 de dezembro, do Prof. Fiorencio (hoje Colegio Ipiranga) e 7 de Setembro; fez o curso secundário no Ginásio da Bahia, onde recebeu o diploma de Bacharel em Ciências e Letras, em 9 de dezembro de 1903; fez o curso de desenho e escultura na Escola de Belas Artes, foi aluno do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia e fez o curso médico na Faculdade de Medicina da Bahia, onde defendeu a tese "Contribuição ao estudo dos Ancilostomos, na Bahia", que mereceu da banca o grau de distinção. Doutor em Medicina em 18-12-909. Foi interno da clinica do Prof. Anisio Circundes de Carvalho. Iniciou a carreira em 1910, sendo médico do Loyde Brasileiro, viajando do Amazonas ao Prata, Montevideu, Buenos Aires, indo até Nova Iorque. Em 30 de dezembro de 1912, tomou posse do lugar de Preparador da Cadeira de Patologia Geral da Faculdade de Medicina da Bahia. Em Agosto de 1917 prestou concurso para professor da dita cadeira, tomando posse de substituto a 20 de outubro de 1917, sendo catedrático da mesma desde o dia 28 de janeiro de 1916. Ele e o seu colega Almir de Oliveira obtiveram o maior numero de distinções da turma,

merecendo ambos prêmio de viagem à Europa, extinto, pela Reforma Rivadávia.

Especializou-se no curso de Patologia Tropical e sorologia da Universidade de Harvard, em Boston; estudando patologia experimental e imunidade no Instituto Rockefeller, no laboratório do sabio japonês Hideyo Noguchi, tendo também estudado no Laboratório de Higiene de Washington e no Leprosário de Carville.

Membro da Academia de Letras da Bahia, onde ocupa a cadeira do Visconde de Montezuma, da qual foi membro fundador, o dr. Antonio Moniz Ferrão de Aragão que foi governador da Bahia. Professor da Escola de Belas Artes da Bahia, da cadeira de Anatomia Artística, Médico do Instituto Oswaldo Cruz da Bahia, hoje Fundação Gonçalo Moniz. Representante do Estado, da Faculdade de Medicina e de Sociedades científicas em vários congressos de Medicina e outros, reunidos no Rio, São Paulo, Pernambuco, (Recife) no Pará, no Prata (Uruguai e Argentina), tomou parte na Caravana Médica Brasileira, promovida pelo Prof. Nascimento Gargel.

Vice-diretor e várias vezes diretor interino do Serviço de Estatística Demográfi-Sanitária da Bahia, Diretor do Serviço de Moléstias Venereas do Estado, membro do Conselho Médico Legal da Bahia. Em colaboração com os ilustres baianos — Dr. Antonio Geraldo Teixeira e Anisio Massorra, fundou o Conselho de Assistência Social da Bahia — que prestou relevantes serviços ao Estado. Diretor do Laboratório Geral de Profilaxia Rural. Ex-Diretor e médico do Leprosário D. Rodrigo de Menezes, na Bahia, empenhado na obra meritória da campanha contra a moléstia de Hansen. Fundador da Sociedade de Combate à Lepra da qual é diretor técnico. Traçou e pugnou por todo o plano da Colonia de Aguas Claras e publicou um trabalho sobre esse assunto. Major médico da reserva do Exército. Sócio de varias sociedades médicas, literárias e beneficentes. Obteve prêmios em exposição de arte e em trabalhos científicos. Medalha de ouro e prata na exposição do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, em 1916, medalha de prata e bronze nos cursos de Pintura e Escultura da Escola de Belas Artes da

Bahia, Prêmio Oswaldo Cruz, medalha de ouro, da Sociedade Médica dos Hospitais da Bahia.

Casou-se, no dia 18 de março de 1942, com Maria Carolina Pereira, filha do Sr. Manoel Gomes Pereira e D. Maria Senhorinha Gomes Pereira. Ela nasceu, na Bahia, a 28 de março 1889 e faleceu a 13 de novembro de 1948. Casou-se em segundas nupcias com a Dra. Carmen Mesquita, aluna Mestra laureada e professora do Instituto Normal (por concurso) e Médica pela Faculdade da Bahia, tendo sido aluna laureada (distinção em todas as cadeiras do Curso e seu retrato figura no Pantheon da Escola). Filha do Dr. Raimundo Eustáquio de Mesquita e D. Ina Catharina Gameleira de Mesquita. Ela nasceu a 18 de abril de 1903 e casaram-se a 30 de agosto de 1950. É médica da Secretaria de Saúde Pública, servindo no Departamento da Criança e Assistente de Patologia Geral da Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia.

Dele disse o jornalista Florêncio Santos, na "A Tarde" de 22-II-936:

"Os irmãos Torres, na família baiana e em nosso ambiente social, a que se radicaram solidamente, por laços de profunda simpatia e amizade, são uma tradição de caráter, cavalheirismo e nobreza. E todos alegres e sociáveis, espíritos retemperados no humor de bom quilate e inclinados às boas ações. O Prof. Octavio, porém, singularizou-se nessa esfera de nobilitantes virtudes da família, pela espinhosa e elogiável missão que se traçou, no apostolado a que serve, com dedicação quasi messiânica, sendo, hoje em dia, no país, um dos maiores e na Bahia, o grande animador da campanha pró lázaros. Todos conhecem a persistente e perseverante vontade o esforço contínuo e eficiente empregados pelo Prof. Octavio Torres nessa meritória obra de que se fez um ardoroso e nobre paladino. Não se constrange nem se cansa de pedir, em peregrinação pertinás, pelo êxito cada vez maior da bela cruzada a que se vem dedicando com uma abnegação e uma fé sanfranciscanas. E de sol a sol, cruza as ruas da cidade, na ronda abençoada em favor dos infelizes abrigados no Leprosário. E, com as melhoras da saúde o abrigo, e o pão, dá-lhes também o Prof. Torres o



conforto espiritual da religião e a alegria das festas que ali promove.

Com o seu enorme guarda-chuva amarelo, do qual jamais se aparta, e a que não vale a alcunha de Emilio — bengala de batina — porque no caso seria um cajado de guarda-pó, o prof. Torres com os seus óculos e o seu sorriso bom — chave com que abre todas as portas — de manhã à noite trabalha pelos seus pobresinhos. E a sua obra admirável de assistência social, escorada em alicerces da pura filantropia, vai florescendo, especialmente em novas bençãos e novas realizações”.

E’ membro destacado do Rotary Club da Bahia. São inúmeras as suas publicações médicas e literárias. Em 1953 (julho) foi inaugurado o seu busto em bronze, na Colonia de Aguas Claras, no Hospital D. Rodrigo José de Menezes (Hospital para leprosos)”.

Um outro professor da Cadeira de Anatomia foi “o Dr. Enoch Torres, natural da Cidade do Salvador. Nasceu a 8 de abril de 1894, às 3 horas da tarde, ao Largo Dois de Julho n. 60, hoje Parque Duque de Caxias n. 29 Fez curso primário, na Escola de Belas Artes, o secundário no Ginásio da Bahia, e o superior na Faculdade de Medicina da Bahia, onde se doutorou em 15 de janeiro de 1919, defendendo a tese “Estudo Estatístico da Mortalidade na Cidade do Salvador”, que mereceu da banca a aprovação distinta. Interno de Clinica Pediátrica Médica e Higiene Infantil. Foi preparador e depois assistente da Cadeira de Patologia Geral na Faculdade de Medicina da Univ. da Bahia. e, por uma Bolsa da Fundação Rockefeller, frequentou o curso de Estatística na Universidade de John Hopkins, Baltimore (U. S. A.) durante um ano. Nesta ocasião escreveu um trabalho sobre bioestatística (noções) que foi muito apreciado pelo Dr. Souper, que o aconselhou a publicá-lo, mas, ficou inédito até hoje. Médico do Serviço de Estatística Demográfico-Sanitário do Estado (Bio-Estatística, seu Diretor; Secretário do Dr. Antonio Luiz de Barros Barreto, quando Secretário de Educação e Saúde Pública do Estado. Dedicado ao Teatro, à Música e ao Canto, tomou parte em óperas representadas na Bahia (Rigoletto, Tosca, etc.);

em operetas, Teatro de Amadores do Fantoques, do qual foi fundador. Diretor e um dos organizadores do Clube Fantoques da Euterpe.

Foi um dos principais elementos da Representação da peça — Auto de Graça e Glória da Bahia — no auditório da Escola Normal da Bahia, durante as festas comemorativas do quarto centenário da fundação da Cidade do Salvador, em 1949”, (Mario Torres Rev. Inst. Geneal. B<sup>a</sup>. Tip. Manú B<sup>a</sup>. 1954).

Nos últimos tempos tomou parte num filme tirado, em nossa capital e arredores, por Cai. estrangeira. Foi o primeiro assistente (gratuito) da Cadeira de Anatomia Artística, durante muitos anos, na Escola de Belas Artes da Bahia; depois, catedrático da mesma Cadeira, quando o Prof. Octavio Torres foi transferido para a Cadeira de Estética.

E' membro do Conselho de Administração da Juventude Musical do Brasil (secção da Bahia; membro da Comissão Nacional de Música, que faz parte da UNESCO.

Delegado do Serviço Nacional do Teatro, na Bahia, de 1951 a 1954 (quando foi extinto o Serviço).

\* \* \*

Os professores de anatomia artística seguiram sempre a orientação da escola franceza de Belas Artes, adotando os seus métodos e os seus livros, entre os outros: Fau, Cuyer, Mathias Duval, etc. em aulas exclusivamente teóricas, explicando a matéria, utilizando-se do esqueleto articulado e do manequim esfolado.

O esqueleto existente na Escola de Belas Artes é muito antigo, parece-nos que desde a época da sua fundação. Quando estudamos Anatomia Artística na Escola de Belas Artes, no fim do século passado, sendo professor o dr. Braz do Amaral, o esqueleto estava um pouco estragado. Ao lado da osteologia estudava-se miologia e esplanologia, em um esfolado com todos os músculos pintados, como se fosse o natural.

O ensino da anatomia abrangia as três divisões da anatomia osteologia, miologia e esplanologia.

O prof. Braz do Amaral continuou a orientação dos seus antecessores na regência da Cadeira de Anatomia Artística.

No início do ano de 1927, fomos indicados para reger a cadeira, no impedimento do catedrático que estava com assento na Câmara Federal.

Procuramos atualizar o ensino da matéria dando um cunho prático às aulas e obrigando os estudantes a copiarem estampas dos livros clássicos, cada um tendo um caderno (croquis), no qual colecionava os seus desenhos (branco e preto e os mais interessados os coloriam).

Como orientação didática corrigíamos esses desenhos e davamos notas aos trabalhos práticos mensais, computando estas notas para os exames parciais e finais. A maioria desses trabalhos está arquivada na Escola. Esses desenhos serviam também para ilustrar as lições nas aulas teóricas, que eram melhor elucidadas com desenhos pessoais do professor no quadro negro. Sempre procuramos ilustrar as aulas com desenhos, pois, estes prendem bastante a atenção do estudante, recorrendo ao método intuitivo.

A partir de 1942 reformamos o programa de Anatomia e Fisiologia Artísticas. Em 1945, quando os Cursos de Pintura, Escultura e Gravura foram reconhecidos pelo Governo Federal, e se tratava da entrada da Escola de Belas Artes da Bahia para a Universidade, julgamos necessário organizar um programa desenvolvendo a matéria, em pontos, com um sumário, sobre os vários assuntos, como mandava a lei de Ensino de então.

Desde muito tempo vínhamos ensinando assuntos de biologia geral, nas primeiras aulas, pois, compreendemos, sempre, que um artista deve ter conhecimentos elementares dos fenômenos da vida, ampliando sua cultura e assim vínhamos procedendo, já ha muitos anos, com o consentimento da Congregação, pois, todos os anos apresentávamos o nosso programa que era aprovado pela mesma.

No programa de 1946, procuramos dividir o estudo da Anatomia e Fisiologia Artísticas em parte geral, parte especial e parte aplicada.

Na parte geral, além de estudarmos as generalidades comuns e necessárias ao desenvolvimento de qualquer disciplina, fornecendo noções gerais de biologia, sobre o conceito da Anatomia e Fisiologia Artísticas, métodos de ensino, mostrando as diferenças entre arte e ciência, entre teoria e prática, expomos as vantagens do estudo da disciplina aplicada às Artes plásticas, resumindo, finalmente, a história da Anatomia Artística.

Na segunda parte, que denominamos de especial, explicamos os diversos sistemas — ósseo, articular, muscular, os órgãos dos sentidos, etc. explicamos resumidamente os tecidos adiposo, epitelial e seus anexos, mostrando a sua importância nas artes plásticas.

Na terceira parte, mais propriamente de aplicação, fazemos o estudo geral da morfologia do corpo humano, da teratologia e da herança em geral. Em outros pontos, mostramos às diferenças morfológicas do homem, da mulher e da criança, nas diversas idades (infância, puberdade, adolescência, maturidade e velhice), as diferenças conforme o sexo, incluindo “as direções” dos vários eixos das diversas partes do corpo e a sua importância na morfologia humana; estudamos as raças humanas — com as suas características; tratamos das proporções do corpo humano, dos canones, dos tipos morfológicos e, enfim, da biotipologia; das atitudes do corpo humano, em repouso e em movimento, na marcha, corrida, salto, em equilíbrio; da influência do meio, das profissões, etc., sobre o corpo humano e das deformidades profissionais; finalmente, estudamos de um modo geral a anatomia comparada, principalmente, a dos animais domésticos e dos animais que mais interessam às Artes Plásticas.

Na parte prática, procuramos explicar os assuntos com o esqueleto articulado e com os ossos dos esqueletos do homem e da mulher, conseguidos no Cemitério das Quintas, no manequim, nos esfolados, em gesso, sobre peças anatómicas (quando necessário, tomadas, por empréstimo, às Cadeiras de Física e Anatomia Descritiva da Faculdade de Medicina), com o auxílio de pranchas clássicas, de modelo vivo, de estátuas de gesso, existentes na galeria da Escola e com desenhos, feitos na ocasião, no quadro negro, pelo professor.

Além disso, ha muitos anos, tem sido de praxe incentivar a aprendizagem dos alunos, exercitando-os na feitura de desenhos clássicos, existindo, no arquivo da Escola, uma larga cópia de tais trabalhos e a esses desenhos sempre conferimos notas, computadas, como trabalhos praticos, para media do curso, como já referimos.

Como no programa adotado figuram pontos de biologia geral, tais como morfologia geral, biotipologia, noções de teratologia, estudo das raças humanas e suas características, cânones, etc., alguns colegas julgam que é um programa de medicina, pois, acham demasiado o programa, abrangendo assuntos de biologia geral, noções de fisiologia geral, vida, saude, molestia, morte, funções do organismo (circulação, digestão, respiração), etc. quando se explica a esplancnologia, etc., por isso, pensam que o programa é de medicina. Estas noções eram necessarias a alunos que nunca estudaram o curso de humanidades, nas aulas do curso de colégio e o número de alunos que já têm o curso de humanidades e que se candidatam à matricula dos cursos de Pintura e de Escultura é aqueles que já possuem esses conhecimentos farão uma revisão dos mesmos assuntos em curso superior de aplicação às Belas Artes.

Acreditamos, sempre, que a Escola de Belas Artes devia ter um curso ginasial anexo, a fim de orientar os alunos desde muito cedo, evitando perder vocações numerosas de adolescentes, que esperam terminar o curso de Ginásio, a fim de se inscreverem nos exames vestibulares da Escola, quando a vocação desaparece, pela necessidade de tratar da vida, na maioria deles estudantes que são obrigados, por falta de recursos a abandonar os estudos e ao mesmo tempo perdem a vocação artística.

Outros colegas pensam que o curso de Anatomia Artística deve ser dado, copiando o modelo vivo, em diversas posições, no Atelier.

Deixamos de criticar este modo de pensar, acrescentando, apenas, que podiamos ser interrogados pela Congregação e pelo professor do curso de modelo vivo, por termos invadido as atribuições de outras cadeiras o que acreditamos seja vedado pela lei de ensino.

Não discutamos mais o assunto. Lembramos que na feitura de um desenho de modelo vivo o aluno gasta, mais ou menos, uma semana. São portanto, 12 ou 14 desenhos se não faltarem ao trabalho, em cada periodo e sem as vantagens da explicação do professor, sem este poder dar todo o programa.

Estaremos persistindo em erro? Trocamos idéias com diversos entendidos no assunto, com professores de Anatomia Artística de outras Escolas de Belas Artes e todos compreendem a organização de ensino da Cadeira conforme, a temos ensinado, já há muito tempo. Talvez se esqueçam que qualquer professor deve saber desenhar, principalmente os professores de uma Escola de Belas Artes, que devem ensinar os assuntos acompanhando a explicação com desenhos no quadro negro. Pensamos que esclarecemos a questão com estas considerações.

Desejando ampliar as instalações do curso de Anatomia Artística, em 1947 ou 1948, solicitamos, por intermédio do ilustre e abalizado Diretor, Prof. Mendonça Filho, ao Diretor da Faculdade de Odontologia da Universidade da Bahia a feitura de segmentos do corpo humano, não só de esqueletos armados, de homem, de mulher e de criança, em diversas idades do mesmo, de fetos de 5, 8 e 9 meses, etc., de bacias osseas, de homem e de mulher, de crâneos desarticulados, etc. Solicitamos, ainda, as peças anatômicas, compreendendo os membros superiores e inferiores apenas destituídos da pele (esfolados, exibindo todos os vasos e outros órgãos, como ao natural etc..

Estas peças anatômicas foram solicitadas do Diretor da Escola Odontológica, porque o professor de Anatomia Descritiva do Curso de Odontologia da Universidade da Bahia, doutor José Aldemiro Brochado, revelou-se desde muito tempo, um exímio técnico no preparo de primorosas peças anatômicas, já tendo sido premiado com medalhas de ouro, em congressos odontológicos, aos quais aderiu, até mesmo no estrangeiro (Buenos Aires).

Isto justificara o reconhecimento dos seus méritos pela Escola de Belas Artes e a sua nomeação para professor substituto do catedrático em seus impedimentos legais, como já tem acontecido desde 1952.

Fomos visitar a Exposição de peças anatômicas feitas e exibidas pelo Prof. Aldelmiro Brochado, no saguão da Faculdade de Medicina e por ocasião do Congresso de Odontologia (pela Faculdade Odontológica da Bahia).

Nesta ocasião o Dr. Brochado recebeu uma medalha de ouro de um Instituto Argentino.

Desejando ampliar as instalações do Curso de Anatomia Artística com algumas peças semelhantes, mantivemos uma palestra com o técnico excepcional que prometeu fornecer a Escola as peças que fossem solicitadas pela Diretoria da Escola de Belas Artes. Declarou-nos nesse momento o seu desejo de entrar como livre docente da Escola de Belas Artes, para a Cadeira de Anatomia Artística.

O Dr. José Aldelmiro Brochado fez a livre docência em 1953, tendo realizado um bom concurso e conseguido as melhores notas. (\*)

\* \* \*

Depois da morte do professor Carlos Chiacchio, a congregação nos consultou e nos transferiu para a cadeira de Estética das Belas Artes. Fomos, então, substituídos pelo dr. Enoch Torres, que já vinha servindo de assistente de Anatomia Artística, gratuitamente, durante muitos anos e com a maior assiduidade.

O Dr. Enoch Torres foi o primeiro assistente da Escola de Belas Artes. Reorganizando-se a Escola de Belas Artes para a sua entrada na Universidade, achavamo-nos no Rio de Janeiro, em Comissão da Universidade representando-a no Congresso de Folclore; a Congregação resolveu que nós voltássemos a ensinar Anatomia e Fisiologia Artística, ficando o professor Enoch Torres dispensado do ensino da mesma cadeira. Não podemos deixar de referir a dedicação e assiduidade do referido professor, antigo aluno da Escola de Belas Artes, que não pode ser aproveitado por ocasião de federalização da referida Instituição.

---

(\*) Nota: — O laboratório de Anatomia Artística foi enriquecido com todas essas peças ainda quando era regente da cadeira de Anatomia.

Os serviços prestados no Curso da Cadeira de Anatomia Artística foram inestimáveis, não só como assistente, mas também como professor da mesma cadeira foram extraordinários e beneméritos e agradecemos, pessoalmente, como Catedrático de Anatomia Artística estes serviços e deixamos registrados, neste modesto relato. Como assistente não recebia remuneração alguma da Escola, recebendo vencimentos, porém, quando exerceu o lugar de catedrático de Anatomia e Fisiologia Artística.

Há muito, desde que a Diretoria da Escola de Belas Artes da Bahia recebeu, em doação, do Estado deliberou-se fazer a reforma, quasi completa, do edifício na sua estrutura interna e externa, que nos interessamos pela adaptação de uma de suas salas, para o curso de Anatomia Artística, com todas as suas instalações.

O benemérito e Magnifico Reitor da Universidade, Prof. Edgard Santos, tudo tem feito pelo progresso e desenvolvimento da Escola de Belas Artes da Bahia, fornecendo os necessários recursos para a reconstrução do antigo edifício, a construção de novos pavilhões, adaptação e instalações. Com as verbas para o pavilhão de Escultura e outras cadeiras, o dinâmico Diretor, Prof. Mendonça Filho, reservou uma grande sala para nela ser instalada o curso de Anatomia e Fisiologia Artísticas.

Aqui deixamos os nossos sinceros agradecimentos aos dignos, ilustres e dedicados administradores, Professores Edgard Santos e Manoel Mendonça Filho.

Bahia, Setembro de 1955.